

“Ti Zé quando chupa a mbeta começa a sabular”: para uma análise sociolinguística do calão do português angolano

“Ti Zé quando chupa a mbeta começa a sabular”: towards a sociolinguistic analysis of Angolan Portuguese slang

Paulo Osório*
João Paulino João**

A Leonor Lopes Fávero, *in memoriam*

RESUMO

Embora o português de Angola (PA) siga fundamentalmente a norma do português europeu (PE), existem, na verdade, diferenças significativas entre as duas variedades nas mais diversas estruturas linguísticas. Em Angola, a profusão de contactos entre línguas e povos diversificados, ao longo da sua história, perfila-se como fator preponderante no distanciamento das referidas estruturas, configurando-se, pois, no espaço angolano, um convívio da língua portuguesa com as línguas nativas, maioritariamente de origem Bantu, em ambiente sociolinguístico de imposição idiomática. Esta hibridização resulta numa variedade metaforicamente mestiça, que, a partir do período de pós-independência, fez emergir um calão particular, enquanto emblema da angolanidade. Este estudo, de carácter sociolinguístico, analisa usos do calão no PA, contrastando-os, sempre que possível, com o PE. Recorremos, para o efeito, à análise de um inquérito dirigido a 114 inquiridos, o qual mostrou que o calão angolano tem inclusive influenciado a variedade europeia do português.

PALAVRAS-CHAVE: calão, sociolinguística, português de Angola.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023nEspecial.1394>

* Universidade da Beira Interior, pjtrso@ubi.pt, Orcid: 0000-0001-6009-6970

** Universidade da Beira Interior, joao.paulino.joao@ubi.pt

ABSTRACT

Although Angolan Portuguese (AP) essentially follows the norm of European Portuguese (EP), there are, in fact, significant differences between the two varieties concerning the most diverse linguistic structures. In Angola, the profusion of contacts between languages and diverse peoples throughout its history stands out as an overriding factor in distancing the afore mentioned structures, thus setting up in the Angolan space a coexistence of the Portuguese language with the native languages, mostly of Bantu origin, in a sociolinguistic environment of idiomatic imposition. This hybridization results in a metaphorically-mestizo variety which from the post-independence period gave rise to a particular slang as an emblem of Angolan identity. This study of sociolinguistic nature analyses uses of slang in AP, by contrasting them, whenever possible, with EP. For this purpose, we resorted to the analysis of a survey addressed at 114 interviewees, which showed that Angolan slang has even influenced the European variety of Portuguese.

KEYWORDS: slang, sociolinguistics, Angolan Portuguese.

Introdução

Descrever a configuração linguística e etnográfica de Angola envolve uma amplitude de fatores que implica a sua periodização. Podemos, de forma sintética, destacar cinco períodos de estruturação histórica do país: (i) o período pré-histórico e proto-histórico; (ii) o período da configuração dos reinos; (iii) a era da ocupação colonial; (iv) a época da independência e (v) o período da pacificidade (até à atualidade).

Angola, antes da chegada dos portugueses, era um território composto por reinos estruturalmente sólidos e organizados hierarquicamente de acordo com as realidades de cada grupo étnico. Cada reino configurava as suas particularidades etnográficas e linguísticas com observáveis distanciamentos, sendo de admitir que a situação linguística em Angola, na era colonial, (MINGAS, 2000, p. 49) funcionava com fortes proibições de comunicação através das línguas nativas, pois o português era a única língua que podia ser veiculada de forma oficial. Acresce, todavia, que um dos caminhos que fez com que as línguas locais prevalecessem para além das vias clandestinas e de

resistência do povo angolano se deveu ao facto de a língua portuguesa não se ter fixado

(...) em todo o território angolano, porque estava limitada aos assimilados, isto fez com que, nas zonas rurais, as línguas locais permanecessem intactas, fenómeno que atualmente já não se verifica devido ao contacto com os meios de comunicação e às influências de outras culturas ocidentais. (SERROTE, 2015, p. 19).

Angola é um país que tem sido palco de guerras e de conflitos constantes, desde logo a partir das invasões dos povos de origem bantu até aos primeiros grupos étnicos, passando pelos confrontos entre os vários reinos e, para além do já mencionado, contando com longos anos de colonização. O MPLA, coincidentemente, controlou a zona ambundo (Luanda e arredores deste grupo étnico), que era a região mais europeizada. Foram-se criando sentimentos de superioridade linguística, instituindo-se o PA falado na capital como a variante predominante e de maior prestígio. Foi por tal facto que se espalharam algumas generalizações de preconceito linguístico, tais como: “o melhor português é falado em Luanda” ou “os do Sul falam tipo mbais”, ou ainda, “os do Norte se expressam como *zaikós langa langa*”¹. A difusão do conceito de “langa” em Angola foi veiculada por intermédio da música, quando a banda musical angolana Semba Masters compôs a canção *Retró*, na qual se transfigura, de forma genérica, o referido termo como gentílico dos cidadãos do antigo Zaire:

São inúmeros os angolanos, e não apenas aqueles que se exilaram no exterior, que se exprimem com dificuldade na língua portuguesa. Falar a língua de Camões não pode ser o critério principal para se aferir a legitimidade dos filhos de Angola. Tão grave quanto isso é questionar a nacionalidade de alguém por ter nascido em Maquela do Zombo, no Uíge, ou noutra localidade fronteiriça.

1 Langa é um gentílico depreciativo utilizado para cidadãos da República Democrática do Congo e associado, também, aos angolanos refugiados para aquele país aquando de alguns movimentos políticos.

[...] Uma maneira diferente de identificar congoleses e angolanos provenientes do país vizinho. Uma maneira discriminatória, diga-se em abono da verdade, de os tratar. Embora a maioria dos visados não se ofenda, a palavra *langa* carrega conotação pejorativa. Como se fossem os congoleses e qualquer um que com eles se confunda, cidadãos de categoria inferior. Pessoas com o mínimo de informação.²

Uma notória escassez de divulgação e de utilização das línguas locais face à problematização do português como língua oficial permitiram, também, diferentes variações linguísticas, de entre as quais o calão. Dado o peso da sua presença na comunidade linguística angolana, consideramos que é praticamente impossível equacionar a formação da identidade linguístico-cultural angolana sem fazer menção ao calão, uma vez que se tem constatado que, para além de o português assumir o estatuto de língua oficial, há muito que esta forma linguística se vem verificando enquanto elemento alternativo de identificação e de unificação deste povo.

Assim, forçosamente, esta nossa investigação toma por referência teórica o trinómio “língua, cultura e identidade”, uma vez que o nosso objetivo é compreender a intrínseca relação entre estes três elementos e o calão. Ancorados no valor sociolinguístico da interação discursiva, pretendemos demonstrar que nem todos os usos aparentemente com cargas semânticas pejorativas envolvem uma intenção negativa por parte do locutor. É também nosso propósito aferir as relações existentes entre o calão do PE e o calão do PA e tentarmos, assim, partir para uma proposta de nivelamento dos distanciamentos semântico-lexicais destas unidades lexicais, bem como levar a cabo uma análise das semelhanças em algumas expressões que passaram a ter no PE a mesma significação do PA, devido a fatores histórico-culturais e migratórios: por exemplo, as palavras *bué*, *fixe* e *ya* possuem a mesma carga semântica em ambas as realidades linguísticas (Portugal e Angola). Por

2 Ser ou não ser *Langa*. **Jornal de Angola**, Luanda, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=409305>>. Acesso em: 26 abr. 2022.

último, é nosso objetivo explorar a herança cultural imersa nas expressões idiomáticas de vocábulos oriundos das línguas nacionais e compreender as suas influências no calão do PA e do PE, almejando-se definir o calão do PA como uma riqueza imaterial e uma marca de identificação cultural da angolanidade.

Em termos teóricos, este estudo fundamenta-se em investigações relativamente recentes (UNDOLO, 2014; GONÇALVES, 2016 e OSÓRIO et alii, 2022) e, no que respeita à recolha e tratamento de dados, socorre-se dos dados apresentados na dissertação de mestrado do segundo autor do texto (JOÃO, 2022).

1. As influências das línguas nacionais no uso do calão do PA

O impacto das línguas nacionais é de fulcral importância, pelo que coligimos formas das línguas kikongo, kimbundu e umbundo, para nos referirmos ao modo como as referidas línguas influenciaram o português falado em Angola. Segundo alguns dados disponíveis (MARCOS, 2021, p. 155), a língua kikongo, falada em quatro províncias do norte do país, e o umbundo, língua falada nas regiões centro-sul de Angola, foram as que menos contribuíram para a influência atrás mencionada, sendo que o kimbundu se vem afirmando como a língua nacional que mais influenciou o PA, conforme os quadros apresentados abaixo. Assim, quanto aos empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola, apresentamos alguns dados ilustrativos, tendo por base algumas propostas avançadas em Marcos (2021, p. 158):

Língua kikongo	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplos
Malembe	Verbo	Malembe	Ir devagar; sem pressa	Malembe malembe estamos sempre a subir.
Mpemba	Nome	Pemba	Feitiço; bruxaria	O Carlito foi no quimbanda pegar pemba de jabá.
Mwamba, muhamba Ou Kuambuka	Nome	Muamba	Molho guisado geralmente de galinha	Kuia bué fazer sentir uma muamba de galinha com funje aos finais de semana. Tradução: É sempre bom e agradável preparar muamba de galinha nos fins de semana.
Tsaka	Nome	Kizaka; saca folha	Folhas de mandioqueira	A kizaca preparada pela dona Isabel é de outro nível.
Salu	Nome	Salo	Trabalho; serviço; tarefas	Wy estou no salu depois te aciono. Tradução: Amigo estou no serviço, darei um sinal assim que sair.
Buala	Nome	Buala	Aldeia; povoações; lugarejo	Na buala da avó Minga não se precisa de muito para se ser feliz.

Quadro 1: Empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola: alguns exemplos

No que respeita aos empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola, seguem alguns exemplos, alertando-se o leitor, no entanto, que algumas abonações se encontram em Costa (2015, p. 104-170):

Língua umbundo	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplos
Ocisonde	Nome	Quissonde	Formiga de mordedura dolorosa	Quissonde quando morde, dá coceiras.
Olombi	Nome	Lombi	Verduras; hortaliças; folhas comestíveis	No sul de Angola, lombi com peixe seco é um prato muito apreciado.
Akunde	Nome	Macunde	Feijão frade	Entre o macunde e o espera cunhada, eu prefiro o feijão manteiga.
Olambula	Nome	Lambula	Peixe sardinha espinhosa	Todos os dias a tia Minga passa a zungar lambula.
Okabuenha	Nome	Cabuenha	Peixe miúdo	Um bom funje com cabuenha, descansas a vontade.
Olombongo	Nome	Lombongo	Dinheiro	de lombongo estou gato no saco. Tradução: sobre dinheiro, estou sem tostão.
Ombumbi	Nome	Mbumbi	Hérnia testicular	Na minha aldeia tem um quimbanda que remove mbumbi.

Quadro 2: Empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola: alguns exemplos

No que concerne aos empréstimos do kimbundu no português falado em Angola, ilustramos também com alguns exemplos, sublinhando-se que algumas atestações também são adiantadas por Costa (2015, p. 104-170):

Língua kimbundu	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplos
Kamabwinhi	Adjetivo	Camabuim	Desdentado; alguém desprovido de dentes	O Adilson desde que caiu de patins, se tornou camabuim.
Kambuta	Adjetivo	cambuta	Baixinho; anão	A irmã mais nova da Márcia é tão djompila, já ela é cambuta.
Makulu	Nome	Maculo	Hemorroide	Nos musseques a medicina tradicional funciona para o tratamento de maculo.
Kusabula	Verbo	Sabular	Falar atoa; trair um segredo	Ti zé quando chupa a mbeta começa a sabular. Tradução: Tio Zé quando consome álcool em demasia, começa a falar atoa.
Kassumbula	Verbo	Cassumbula	Usurpar; tirar a força	Cassumbular o choco do avilo é uma atitude malaique. Tradução: Usurpar a namorada do amigo é atitude vergonhosa.
Ngonguenha	Nome	Ngonguenha	Resultado da mistura de farinha, leite e açúcar (abonação de MINGAS, 2000, p. 99)	Na kuzú, ngonguenha tira do show. Tradução: na prisão a ngonguenha, safa (tira fome).
Dipanda	Nome	Dipanda	Independência	Por coincidência o dia da dipanda, é também meu aniversário.

Kandandu	Verbo	Candando	Abroço ritual mútuo dado na passagem do ano (réveillon)	Todos os finais do ano a família Nlombo reúne-se para dar candando a matriarca Paulina.
Kuzunga	Verbo	Zunga(r)	Vaguear; vender nas ruas, vendedor ambulante	Pedrito não para quieto, toda hora zungar.
Kuxinguila	Verbo	Xinguilar	Cair em transe	Descobrir traição causa xinguilamento.
Kuzongola	Nome	Zongola	Foqueiro; espião; tagarela	As vizinhas que passam o tempo a observar tudo pela janela são zongolas.
Dilamba/ kulamba	Nome	Malambas	Tormentos; desgraças; problemas	Matias Damásio já disse: “canuca são malambas da vida”.

Quadro 3: Empréstimos da língua kimbundu no português falado em Angola: alguns exemplos

A era da pacificidade em Angola é a consumação de um todo histórico e, devido aos benefícios trazidos pela paz, vislumbra-se um crescimento significativo de falantes do português, sendo esta a língua veicular e de escolaridade. Esta nova era trouxe consigo uma outra geração com mais acessibilidade à educação. Igualmente, dentro das interações e convivências sociais, a ascensão músico-cultural originária de Angola teve influência na propagação do calão, como se pode observar em títulos de músicas do estilo *semba* como “O Kambuá” (termo utilizado no calão, que significa “cão”), do músico Bonga Kuenda, “O Bajú” (bajulador), de Paulo Flores, entre outras. De entre os estilos *semba*, *quizomba* e *tarraxinha*, o *kuduro* foi o estilo que mais dinamizou o calão angolano, caracterizado como género musical do povo, das periferias e de falantes pouco instruídos, o que nos remete para uma conceção social de “falta de prestígio” quanto ao uso do calão.

2. Usos linguísticos com calão no PA vs. calão no PE

O uso linguístico do PA tem sofrido flutuações várias sobretudo em falantes com dificuldades no “equilíbrio” entre o padrão e o calão. A propósito desta questão, é muito curiosa a seguinte afirmação:

Há na designação norma culta um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “culto”, por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está, muitas vezes, presente no universo conceitual e axiológico dos falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumam fazer dos falantes de outras normas, dizendo que estes “não sabem falar”, “falam mal”, “falam errado”, “são incultos”, “são ignorantes” etc. (FARACO, 2008, p. 56).

Acontece, frequentemente, que uma parte significativa dos adolescentes angolanos tem grande dificuldade em separar contextos formais de contextos informais no que respeita ao uso da língua. Sociolinguisticamente, propomos, no que se refere ao PA, as seguintes categorias semânticas de calão: (i) “calão leve” que consiste em expressões como “porreiro”, “fixe”, “búé”, “bacana”, “ya”, “sem makas” e (ii) “calão duro” que são expressões semanticamente bastante fortes, com elevada carga de significação negativa, mas que se atenuam em situações de interação discursiva (nomeadamente entre amigos e familiares), tais como “caralho”, “porra” e “foda”. Estas unidades lexicais utilizadas num ato conversacional que envolva bastante intimidade perdem esse traço semântico de dureza, pois, no PA, “porra” pode assumir o valor de interjeição que expressa admiração; “caralho” pode converter-se em advérbio de intensificação quando é utilizado para enaltecer um amigo e “foda” pode ser utilizado como sinónimo de “bonito” (por exemplo: “Porra! Bro, essa tua jaqueta é foda para caralho”). Em usos linguísticos correntes do PA, esta é uma frase que, por exemplo, consiste em elogiar, de maneira íntima, alguém muito próximo (“Uau! Amigo, essa tua jaqueta é muitíssimo bonita”) e que,

portanto, não tem entre os falantes do PA uma intenção semântica negativa. Na verdade,

O sistema lexical de uma língua está constantemente se inovando [...] que se tornou evidente para a maioria dos usuários que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional e não apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente da sua vitalidade. Uma língua que não conhece nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e em suma a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia. (ALVES, 1984, p. 119).

O uso do calão tem, portanto, de ser equacionado pragmaticamente mediante a intenção do locutor e o grau de proximidade entre os intervenientes na interação verbal. Por vezes, é difícil distinguir a escala semântica do “calão forte”, pelo que, neste estudo, apresentamos o tratamento estatístico dos dados do inquérito com o objetivo de comentar material linguístico contrastivo entre falantes de PA e de PE, com vista a averiguarmos se certas formas de calão são por eles identificadas no uso quotidiano da língua. Os inquiridos classificarão, ainda, essas palavras ou expressões em três escalas de gradiência: a) palavras bastante duras; b) palavras leves e c) palavras fortes.

3. Estudo empírico

3.1. Metodologia

Para a análise encetada, utilizámos como instrumento de recolha de dados o “inquérito”, que foi aplicado, em 2020, a falantes do PA e do PE, num total de 114 inquiridos. Este inquérito, no caso dos informantes de Angola, foi aplicado *in loco* em várias províncias do território. Segue, assim, sem identificação do informante, por questões éticas, um exemplo da aplicação do instrumento:

Mestrado em Estudos Lusófonos



Questionário destinado para falantes angolanos (PA) e portugueses (PE)

Nacionalidade portuguesa Língua materna português Sexo F
Idade 24 Profissão (indicar grau se for estudante) estudante mestrado

1- A seguir serão apresentadas frases escritas no português padrão-normativo. Rescreva-as substituindo as expressões assinaladas a negrito por uma expressão em calão.

a) Com este sol infernal de verão apetece-me beber **cerveja**.
R: fino (expressão utilizada maioritariamente no norte de PT)

b) Quando é dia de sair com os amigos gosto de **vestir-me** bem.
R: _____

c) Tive que mudar de rotina, já não faço **asneiras**.
R: porcaria / merda

d) O noivo admitiu ser **fã** da sua parceira.
R: _____

e) A **policia** prendeu a **maconha** do maior traficante da beira interior.
R: choedra ; ervica

f) Nunca te esqueças da tua **mãe**, ela é o teu maior presente.
R: cota

g) Coitado do Pedro a namorada o **traiu**.
R: pôs os copos

h) Fico **irritado** com facilidade.
R: passado

Figura 1: Parte 1 do inquérito

Mestrado em Estudos Lusófonos

Os vocábulos que se seguem, são expressões informais de uso quotidiano sobretudo em linguagens juvenis encontradas em músicas, filmes, redes sociais, internet e outros contextos de conversação que podem por vezes ser consideradas grosseiras, obscenas e com bastante carga semântica e outras que merecem ser censuradas em ambientes públicos.

Diga se as considera:

- Expressão bastante dura** (dificilmente usaria)
- Palavra leve** (poderia usar normalmente)
- Palavra forte** (poderia usar em ambientes intimistas, familiares e amigos)

Caso conheça, diga o significado da palavra ou frase sublinhada e negrita e se a considera:

- bastante dura**; b) **leve**; c) **forte**

Bué fixe

[] Conheço [] Desconheço
Significado Muito parecido
[] a) bastante dura [] b) palavra leve [] c) palavra forte

Puto essa bunda não é para o teu camião

[] Conheço [] Desconheço
Significado É demasiada coisa para a tua camioneta
[] a) bastante dura [] b) palavra leve [] c) palavra forte

***tar-se a cagar (tô me a cagar; caga nisso)**

[] Conheço [] Desconheço
Significado Não quero saber disso / Pouco me importa
[] a) bastante dura [] b) palavra leve [] c) palavra forte

Catingueiro do caralho

[] Conheço [] Desconheço
Significado Mbe-cheioso (?) [intenso]
[] a) bastante dura [] b) palavra leve [] c) palavra forte

Figura 2: Parte 2 do inquérito

3.2. Caracterização da amostra

Obtivemos um total de 114 inquéritos preenchidos, dos quais 81 por falantes angolanos e 33 por falantes do PE. A língua materna predominante (68,1%) dos informantes é o português.

No que se refere ao género, 58 inquiridos pertencem ao género masculino (estatisticamente 50,9%, o que corresponde a uma fatia ligeiramente mais alta de respostas) e 52 inquiridos são do género feminino (com a percentagem de 45,6). De realçar, igualmente, que 4 inquiridos preferiram a não identificação do género, correspondendo a 3,5% da amostra.

Quanto à ocupação profissional dos inquiridos, a maior quantidade de respostas obtidas (50) foi de 43,9%, pertencentes à classe de trabalhadores-estudantes. Segue-se uma percentagem de 32,5% relativa a 37 estudantes, sendo ainda 18,4% trabalhadores e 5,3% correspondendo a 6 informantes com outros estatutos profissionais.

Procurámos, de modo idêntico, indagar o uso do calão relativamente à faixa etária dos inquiridos. Assim, conseguimos resultados claros dos intervalos de idades mais comprometidas com o uso do calão: 71 jovens de idades entre os 18 e os 25 anos, equivalendo a 62,3%, e 33 jovens de faixa etária entre os 26 e os 34 anos, que correspondem a 28,9%; 5,3% são inquiridos com idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos e 3,5% encontram-se acima dos 45 anos de idade.

4. Análise e discussão dos dados

4.1. Recolha de vocábulos em calão angolano (CA) e calão do PE (respostas mais frequentes nos inquéritos)

Angolanos	Portugueses
Cerveja = birra	Cerveja = jola
Vestir-se bem = dripar/grifar	Vestir-se bem = trajar
Asneiras = merdas	Asneiras = merdas
Fã = panco	Fã = admirador
A polícia prendeu a maconha =	A polícia prendeu a maconha =
A bongó privou a diamba/bula	A bófia prendeu a erva
Mãe = mamóite; kota	Mãe = cota
Traiu = espetou chifres	Traiu = corneou
Fico irritado = fico fodido	Fico irritado = passo-me

Quadro 4: Vocábulos em CA e calão do PE (respostas mais frequentes nos inquéritos)

4.2. Recolhas léxico-semânticas: a carga das palavras e os seus significados

“Puto, essa bunda não é para o teu camião”

“Puto essa bunda não é para o teu camião”

114 respostas

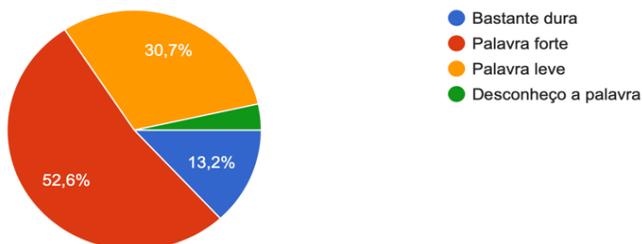


Gráfico 1: Análise da expressão “Puto, essa bunda não é para o teu camião”

A expressão “Muita areia para o teu camião” transmite a ideia de não se estar à altura de algo superior, sendo habitualmente utilizada em registos mais coloquiais. Contudo, tem uma significação de “outro nível”, “demasiada carga semântica”, tendo a nossa real intenção sido aferir se a frase é conhecida entre as comunidades de falantes em análise e, em caso afirmativo, qual é a carga que os lexemas carregam. Mediante os dados recolhidos, 60 inquiridos, que correspondem a 52,6% dos informantes, consideram-na uma expressão com palavras fortes, ou seja, que poderiam ser usadas, mas em ambientes mais privados. Por outro lado, 35 informantes classificaram-na como uma expressão com palavras leves, representando 30,7% dos inquiridos; acresce que 13% dos informantes consideram-na uma frase com expressões duras e 3,5%, que corresponde a 4 falantes, desconhecem o significado dessa construção frásica em calão.

“Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)”

“*tar-se a cagar (tô me a cagar; caga nisso) ”
114 respostas

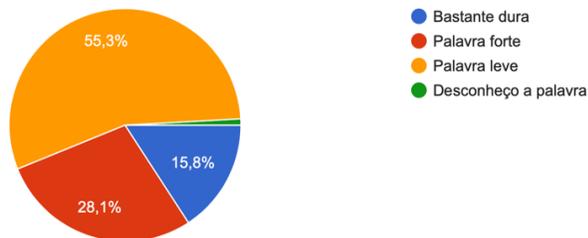


Gráfico 2: Análise da expressão “Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)”

“Tar-se a cagar” (“estou-me / tô-me a cagar, caga nisso”) é uma típica frase do calão frequentemente usado em PE que acabou por influenciar o CA, significando “mandar lixar”, “não se importar”. Em termos de dados

coligidos, 63 inquiridos (55,3%) consideraram-na uma frase constituída por palavras leves; 32 participantes (28,1%) classificaram as palavras como fortes; 15,8%, que equivale a 18 inquiridos, assinalaram-na como uma frase com expressões bastante duras e apenas 0,1% (1 inquirido) a desconhece.

“Catingueiro do caralho”

“Catingueiro do caralho”

114 respostas

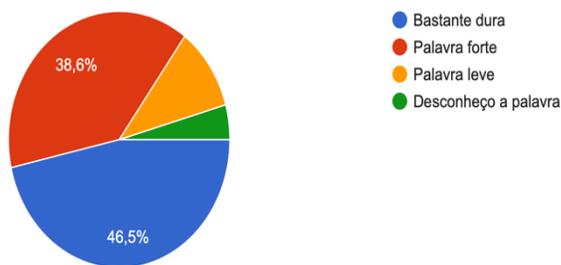


Gráfico 3: Análise da expressão “Catingueiro do caralho”

“Catingueiro do caralho” refere-se a um indivíduo que deita mau odor. Além do termo negativo “caralho”, a expressão em si é bastante pesada e, facilmente, fere a face do recetor, como os resultados do inquérito ilustram: 53 falantes (46,5%), correspondendo à maioria, assinalaram a frase como bastante dura, ou seja, dificilmente a usariam; 44 inquiridos (38,6%) consideraram-na uma frase com palavras fortes; 12 informantes (10,5%) classificaram a expressão como tendo palavras leves e 5 inquiridos (4,4) desconhecem-na.

“Gajo que tchila até às seis horas da matina”

“Gajo que tchila até as 6h da matina ”

114 respostas

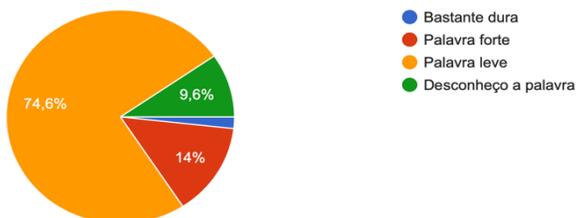


Gráfico 4: Análise da expressão “Gajo que tchila até às seis horas da matina”

“Gajo que tchila até às seis horas da matina” significa “indivíduo que bebe até às seis horas da manhã”. Esta expressão é maioritariamente considerada leve: 85 inquiridos, que em termos estatísticos correspondem a 74,6% da amostra, consideram a expressão leve; 16 falantes (14%) assinalaram-na como forte; 11 inquiridos (9,6%) desconhecem-na e 2 informantes (1,8%) classificaram-na como bastante dura.

“Rata”

“Rata ”

114 respostas

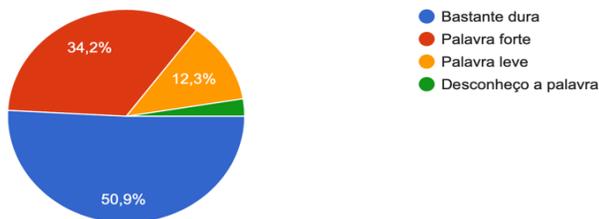


Gráfico 5: Análise da expressão “Rata”

“Rata” é uma expressão muito propensa a ser usada como calão, tendo em conta a carga semântica que a caracteriza. Não é daqueles termos que tomam total liberdade de uso no PA, por ser passível de ferir suscetibilidades. Este calão refere-se, de forma pejorativa, ao órgão sexual da mulher, assumindo-se como um uso indelicado, pelo que se deve nivelar onde usar este termo, com quem o usar, quando o usar e como o usar. Entretanto, a maior parte dos inquiridos, ou seja, 58, que corresponde a 50,9%, classificou-a como uma expressão bastante dura; 39 falantes (34,2%) consideraram-na como palavra forte; 14 inquiridos (12,3%) assinalaram-na como leve e 3 informantes (2,6%) desconhecem-na.

“Garina um coche atirada”

“Garina um coche atirada”
114 respostas

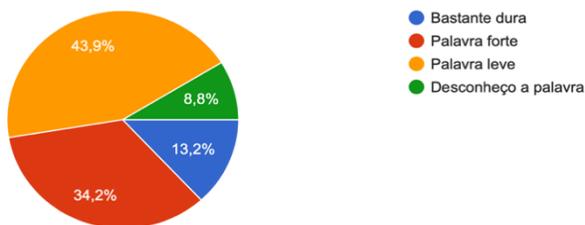


Gráfico 6: Análise da expressão “Garina um coche atirada”

“Garina um coche atirada” significa “mulher um pouco fácil”. De acordo com os dados recolhidos, foi uma expressão considerada por 50 inquiridos (43,9%) como sendo composta por palavras leves; 39 respostas (34,2%) classificaram-na como contendo palavras fortes; 15 inquiridos (13,2%) assinalaram-na como tendo expressões bastante duras; 10 inquiridos, que correspondem a (8,8%), desconhecem tal expressão.

“Bumbar é uma merda”

"Bumbar é uma merda"

114 respostas

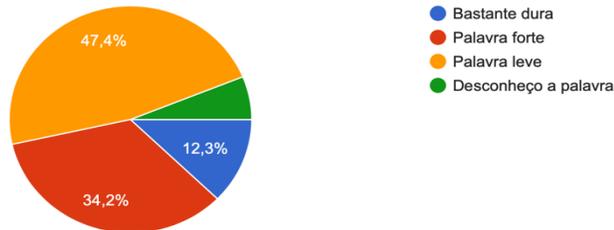


Gráfico 7: Análise da expressão “Bumbar é uma merda”

“Bumbar é uma merda” exprime a ideia de que “trabalhar é muito difícil e complicado quando o salário não compensa o tempo e o esforço”. Apesar de a expressão “merda” ser calão, a palavra vê atenuada a sua carga semântica quando incluída nesta expressão. Pela atenuante significação, 54 inquiridos, que correspondem a 47,4% (ou seja, a maioria), consideram a expressão leve; 39 inquiridos (34,2%) classificaram-na como tendo palavras fortes; 14 participantes (12,3%) assinalaram-na como uma frase com uma força semântica bastante dura (“merda”) e 7 inquiridos (6,1) desconhecem-na.

“Diamba”

"Diamba"

114 respostas

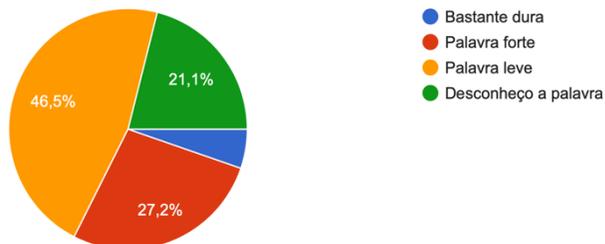


Gráfico 8: Análise da expressão “Diamba”

Diamba/liamba é uma expressão do CA que, em linguagem padrão, significa estupefaciente, droga feita a partir do cânhamo e que, em linguagem vulgar, se designa por “erva” ou “maconha”. De acordo com os nossos dados, é uma expressão que, embora ligada a um produto ilícito, é considerada maioritariamente como uma palavra leve por 53 inquiridos, que correspondem estatisticamente a 46,5%; 31 participantes (27,2%) assinalaram-na como palavra forte; 6 inquiridos, que equivalem a 5,3% da amostra, classificaram-na como expressão bastante dura e 24 falantes (21,1%) desconhecem a sua significação.

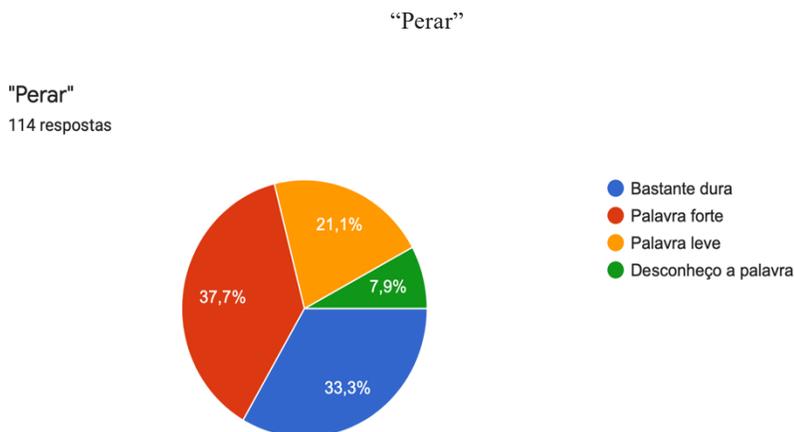


Gráfico 9: Análise da expressão “Perar”

“Perar” é uma expressão do CA que significa ter relações sexuais, equivalendo a “pinocada”, “pinar” ou “dar uma queca” no PE. Segundo a amostra, trata-se de uma expressão considerada maioritariamente forte por 43 inquiridos, que correspondem a 37,7%; 30 participantes (33,3%) classificaram-na como uma expressão bastante dura; 24 inquiridos (21,1%) assinalaram-na como uma expressão leve e 9 inquiridos (7,9%) desconhecem-na.

4.3. A mudança de paradigma dos usos do calão: do gueto ao prestígio citadino

Muitos falantes angolanos empregam o calão, principalmente os moradores de subúrbios, de guetos e de zonas cuja estreiteza de convívio remete para indivíduos com pouco grau de instrução. Este é o caso de muitos zungueiros (vendedores ambulantes), engraxadores de sapatos, biscateiros, lavadores de carros ou lotadores de táxis. Falamos de cidadãos cujos repertórios linguísticos diários são, em larga escala, transformados em calão pelo constante contacto com as ruas. Pelas razões acima expostas, e pela crise financeira que afetou Angola entre os anos 2013-2014, tem-se verificado um significativo aumento de adolescentes e jovens em lutas informais que vão formando um aglomerado de falantes com a mesma realidade social. Nestes contextos, é mais propensa a circulação de vocábulos e de construções fráscas de origem popular. Entre 2005 e 2012, a camada juvenil angolana estava muito envolvida em “gangues” e em outros grupos com diversas finalidades, nomeadamente enquanto organizadores de raves de festas noturnas, grupos de dançarinos, “matangas”³ causadoras de “bifes”⁴ e conflitos e guerrilhas com grupos melindrosos, utilizando o calão como forma de poder. O calão era também o veículo de propagação artístico-musical em muitos estilos de kuduro, lamentos, e um estilo muito usado pelos moradores das favelas. Todos estes grupos e estilos foram os maiores responsáveis pela propagação do calão enquanto tendência relacionada com o vandalismo, tanto que algumas famílias, mais conservadoras e religiosas, proibiam os seus filhos de se misturarem com grupos deste género. Atualmente, este estigma linguístico tem sido ultrapassado, pelo que o CA tem sido usado por outras camadas sociais e por outras faixas etárias. Atualmente, um “kota”, de posição social diferenciada, pode comunicar recorrendo ao calão sem que seja alvo de julgamentos de

3 Matanga é uma expressão usada no calão angolano.

4 Bife é um ataque verbal: insultar, abusar.

preconceito linguístico e social. Exemplo do exposto é a situação vivida por M. Gomes, diretor técnico da FAF, da qual preferencialmente mesclou usos linguísticos correntes com expressões em calão no mesmo texto:

Ao sair do carro, o putto engraxador (de sapato) disse:

— Kota, um brilho.

— Nada putto, estou sem moedas—respondi.

Aí ele retrucou:

— Não pagas nada kota, de borla.

Me senti tentado a aceitar, mas simplesmente lhe fiz um sinal de ok, tá fixe e segui o meu caminho. Entrei para o banco e fiquei a pensar no engraxador. Sol ardente, sorridente e ainda por cima com coração bom.

Ao sair do banco, ia a entrar para o carro, o putto veio a correr:

— Kota, não vai assim com os sapatos sujos. É mesmo de borla.

O Kandengue me tocou. Decidi aceitar. Mas lhe avisei logo:

— Canuco to sem “kumbu pequeno”.

— Mòkota não é pra pagar. Eu sei que o kota é “ciente”. Rematou o gajo.

Ficámos os dois debaixo do sol, ele muito dedicado. E eu a pensar e a remoer o meu cérebro... “Há gente com milhões e este garoto mesmo sem tostões está aqui com dignidade”. No final da operação disse:

— Obrigado, meu rapaz. Bumbaste fixe

— Sem makas, kota. Chega bem.

Peguei em 1000 (mil) kwanzas e paguei o serviço.

Vi o miúdo a chamar um outro para lhe arranjar trocos...

— Fica bem putto, amanhã estamos juntos.

Bazei.

Vi pelo retrovisor o rapaz a sorrir... Eu também sorri...

(*Apud* JOÃO, 2022)

Assim:

Usos linguísticos correntes	Conversão em usos considerados calão
Mais velho, uma limpeza nos sapatos?	Kota, um brilho?
Sem problemas, senhor	Sem makas, kota
Mais velho...	Môkota
Senti-me comovido com o rapaz	Kandengue me tocou...
Menino, estou sem pequenas quantias de notas	Canucotô sem kumbu pequeno
Sei que és um senhor que nos considera sempre	Sei que o kota é ciente
Disse ele...	Rematou o gajo...
Obrigado, rapaz, pelo excelente trabalho	Obrigado, meu rapaz, bumbaste fixe
Fui-me embora	Bazei
Sim, está bem...	Ok, tá fixe...

Quadro 5: Vocábulos de usos linguísticos correntes vs. usos de calão em texto híbrido de M. Gomes

Na verdade, Angola tem uma linguagem sem filtros e, curiosamente, essa transparência não é só visível na linguagem do quotidiano, mas também na própria linguagem literária. Em *Os Transparentes* de Ondjaki, por exemplo, estamos perante um romance que descreve Angola tal como ela é, traçando um autêntico retrato social da realidade quotidiana, na medida em que Luanda, assim como as cidades de outras províncias, está cercada de guetos, de periferias e muitas centralidades que aparentam ter uma infraestrutura saudável, mas têm problemas profundos. Em *Os Transparentes* vive-se a descrição realista e autêntica da sociedade, notando-se o recurso a uma linguagem com um semblante angolano, com a inserção do calão no diálogo entre as personagens, colorindo a originalidade de se fazer literatura nacional:

— Eu sei, Baba: estou a ficar transparente!

CienteDoGrã, o filho mais velho de Odonato, há já alguns dias que dormia na casa do seu amigo ZéMesmo, lá iniciavam o dia com um longo cigarro

de liamba dividido entre sorrisos e café não ficava longe do prédio o anexo que ZéMesmo alugava do outro lado do Largo Da Maianga, perto do Palácio Presidencial

Era num outro prédio, mais baixo, habitado sobretudo por pessoas da comunidade rasta de Luanda, ZéMesmo já havia pertencido a essa comunidade, no tempo em que ainda não era delinquente profissional

— Meu — começou — viver aqui ao pé do chefe é que cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse? nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!, tamos se bem mesmo. quando o kota veio morar aqui no palácio, batemos palmas, nossa fezada

— Ya, ouvi dizer... — CienteDoGrã abria os olhos com dificuldade

— Maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar anda a me acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, me dão porrada. gamo, num consigo despachar o material. ara chiça, omé!

— Ya, tou a ver

— Num tás a ver merda nenhuma, porque você num sabe fumar, fica logo liambado, mas num tem maka, agora eu vou te orientar num mambo que tenho aí... puro bizno, mas tu é que vais comandar as operações

— Pode ser

— Mambo duma loja... tenho lá os putos que lavam os carros, já me passaram as informações, o dono da loja vai passar fim de semana a Benguela, dois guardas boelos, a malta faz o golpe nas calmas

— Gamar comida?

— Qual comida, não fica boelo também... a loja é só dum coró, o gajo lá dentro faz câmbio de dólares, e agora o euro é que tá a ficar doce, tás a ver a coisa?

— Ya, tou a ver

— Num tás a ver merda nenhuma, mas não tem maka. dou-te as orientações, e ficas doze horas sem fumar, para estares nos conformes da “Operação Cardoso”

— Ah, mas já são doze horas?

— Epá, tás muito grosso, depois falamos, mas vais ter de conseguir uma baba

— Ya, num tem maka, falo com uns primos

CienteDoGrã há meses que não aparecia em casa antes, num período um pouco mais equilibrado, pontuado aqui e ali por pequenos furtos, telemóveis, pneus, grelhas de jipe, roubos na praia, era comum aparecer na casa do pai aos domingos para fazer uma boa refeição, aos poucos a situação piorou e os membros da comunidade rasta, que sabiam da existência do pai, preveniram Odonato da degradação de Ciente foi expulso da comunidade por não cumprir grande parte das regras e por ter desviado fundos destinados às comemorações anuais, ninguém lhe tocou, apenas foi expulso sob fortes ameaças, por respeito, sobretudo a Odonato

— O kota sabe, nós temos respeito pelo kota, mas ele não pode mais aparecer lá.

(ONDJAKI, 2013, p. 31-32).

Neste pequeno excerto, Ondjaki poderia ter utilizado uma linguagem literária cuidada. Porém, o autor, por retratar a realidade angolana, preferiu fazer uso de expressões mwangolé, não só do calão, mas também do próprio PA, verificado principalmente nas falas das personagens que representam o angolanismo puro, em interjeições que assinalam: (i) a forma como se admira (“epá!”, “ara chiça, omé!”), indicando sentimentos de insatisfação; (ii) a maneira como se economiza a língua (“yatou a ver”, “O euro é que tá a ficar doce, tás a ver a coisa?”); (iii) a cultura de iniciação frásica com nomes/substantivos, suprimindo o artigo que o antecede e a situação dos desvios de concordância (“maka só que estou com ela”, “qual gerador é esse?”).

4.4. Relações léxico-semânticas entre mwangolês e PE

Há, nos registos linguísticos coligidos, expressões que se vinculam ao CA e ao PE e sobre os quais propomos encetar uma breve análise de proximidade e de distanciamento entre esses mesmos vocábulos. Sublinhamos, assim, a importância deste exercício como parte fundamental dos diversos fenómenos culturais e demográficos que conduziram a intercâmbios linguísticos

entre Angola e Portugal. Deste modo, há situações de correspondência de significação do calão entre o PA e o PE (cf. algumas atestações em ALMEIDA, 2017, p. 23-122):

CA	Português padrão	Calão do PE
Bufo	Traidor, aquele que denuncia os outros	Bufo
Candonga	Pequeno negócio feito em mercado informal	=
Chulo	Indivíduo que vive à custa da mulher e sustentado por ela.	Chulo
Dar zebra	Falhar, plano fracassado	=
Tantã	Pessoa que não regula bem da cabeça	Tantã
Galheta	Bofetada	=
Esporra	Espermatozoide, esperma	Esporra
Badalho	Órgão genital masculino	=
Guito (a)	Dinheiro	Dinheiro
Totó	Pessoa acanhada, menos inteligente, lerdo	=
Bazar	Ir-se embora	Bazar
Cuarra	Prostituta, mulher fácil	=
Snifar	Drogar-se	Snifar
Ferrar	Dormir, deitar-se	=
Bué, buereré	Muito, bastante, em abundância	Bué, buereré
Fixe	Bom, agradável	=
Nabo	Pessoa desajeitada	Nabo, totó
Gajo5	Indivíduo, pessoa, sujeito	=
Ya	Confirmação de concordância, sim, afirmativo.	Ya
Tchilar	Festejar de forma intensiva, embebedar-se	=

Quadro 6: Calão de igual significação em Angola e Portugal

- 5 Vale assinalar a exceção da palavra “gaja” que em Angola (“grande gaja”) pode ser uma forma valorativa de elogiar a posição social de uma mulher, mas que, em Portugal, é uma expressão depreciativa e pejorativa.

Há também palavras homónimas entre o CA e o PE (*vide* algumas abonações em ALMEIDA, 2017, p. 23-122):

CA	Português padrão	Calão do PE
Camone	Amigo, camarada, companheiro	Turista estrangeiro
Entalar	Engravidar	Atrapalhar
Buba	Telefone, celular	Bebedeira
Maka	Problema, confusão, contenda, situação de difícil resolução	Maca = espécie de cama para doentes em casos de emergência
Cuca	Cerveja	Cuca = cabeça, cachimónia
Birra	Cerveja	Birra = fazer birra é fingir-se, simular grande dor, teatro, fitas
Estalo	Aspirações, Dar na gana, vontade	Estalo = pancada na cara
Teso	Ereção, atíçar, estimular, motivação dos órgãos sexuais	Teso = estar sem dinheiro
Galar	Controlar, olhar atentamente	Galar = engatar, prostituta que anda à procura de clientes
Pifar	Avariar, danificar o bom funcionamento	Pifar = extorquir, roubar
Pilhar	Dar mão, apoiar, ajudar um amigo	Pilhar = sortear usando lengalenga “pimpam pum”
Pinar	Extorquir, roubar, furtar	Pinar = ter relações sexuais
Careta	Má pessoa	Careta = pessoa velha
Tutu	Pessoa feia	Tutu = referente à região das nádegas ou ânus, bunda (PB), traseiro.
Piteu	Alimentação, comida	Piteu = mulher jeitosa, cavalona
Gato	Má ação, má conduta, má pessoa	Gato = gralha, erro
Broca	Mulher jeitosa, mulherão	Broca = cigarro feito à mão, mistura de tabaco e haxixe, ganza

Quadro 7: Palavras homónimas entre CA e PE

Verificam-se, todavia, expressões diferentes entre o CA e o PE, mas com significado igual (cf. ANTÓNIO, 2018, p. 42-63):

CA	Português padrão	Calão do PE
Malaique	Má pessoa	Fatela
Mambo	Coisa	Cena
Bumbar	Trabalhar, labutar, ocupar-se	Bulir
Homenagear/pungo	Masturbar-se	Bater uma, punheta
Bongó, polianguê, baba, carico	Polícia	Judite, bófia
Bué	Muito, em abundância	Baita
Pica	Erva, maconha, marijuana	Pica = não possuir passe de viagem, trapacear o sistema de transporte
Pax	Passageiro	Pendura
Manga de dez	Adolescente do sexo feminino	Pita
Cachudo	Cheio de dinheiro	Podre de guita
Encher a cara	Embebedar-se	Apanhar uma puta
Birra	Cerveja	Jola, loira
Dioba	Fome em demasia	Tata larica
Pitar	Comer, alimentar-se	Trincar

Quadro 8: Expressões diferentes entre o CA e o PE, mas com significado igual

4.5. Entre Angola e Portugal: as semelhanças e os falsos cognatos

A relação de convívio entre os portugueses e os povos africanos de expressão portuguesa é também baseada na afeição e no crescimento comum, ou seja, muitos adolescentes e jovens, quer portugueses, quer afro-lusos, que crescem nas mesmas zonas, acabam por encetar amizades. Os angolanos, em particular, criam amiúde ligações por intermédio dos

bairros, das academias escolares e desportivas; alguns conhecem-se em ambientes noturnos ou em ambientes laborais. Entretanto, os fenómenos de aculturação e de influência linguística são inevitáveis e, paulatinamente, diversos hábitos e expressões de origens diversas vão ganhando espaço entre ambas as realidades, principalmente em zonas metropolitanas, onde o fluxo de migrantes é expressivo e, também, em distritos ou cidades académicas pelo próprio impacto universitário. Nesta vasta gama de convivência juvenil que envolve intimidade e diversão, a livre circulação de linguagens informais ocorre com frequência. Assim, um angolano inserido em amizades maioritariamente portuguesas facilmente descodifica que “guito” é dinheiro, “totó” se refere a um indivíduo desajeitado ou menos inteligente, conseguindo também identificar palavras como “bulir” e “bumbar” enquanto vocábulos sinónimos (até porque, em Angola, já se usa a expressão “bulir” em construções como “tô a bazar bulir” ou “vou trabalhar”). Por outro lado, um português inserido num meio maioritariamente angolano, para além das expressões mais conhecidas como “bué”, “pitar”, “ya” ou “fixe”, percebe normalmente que “bazar” significa “ir-se embora”, “deslocar-se”. Aliás, este vocábulo já é empregue frequentemente no PE. Em contrapartida, existem os falsos cognatos, isto é, palavras iguais, mas com significados diferentes que, por vezes, causam desconforto e constrangimento numa interação verbal. Imaginemos um falante de PE em interação com um falante de PA a dizer que está “teso” (querendo dizer que ficou sem dinheiro), quando estar “teso”, na linguagem vulgar angolana, significa “excitação”, “ereção”, “vontade ou prazer sexual”. Ao invés, podemos imaginar uma portuguesa numa fila do banco em Angola e alegando que alguém na fila a “entalou”, querendo referir-se à ação de “obstaculizar”. No PA, “entalar” significa engravidar, o que causará obviamente estranheza, cabendo, porém, aos interlocutores utilizarem o contexto situacional para evitar o conflito entre faces.

Apesar de algumas similitudes entre as duas realidades linguísticas, existem também divergências, pelo que é normal um termo ter um significado no PA e outro no PE (por exemplo, “pica” em CA significa “maconha”,

“estupefaciente”, e, em PE, significa “revisor de um comboio”, ou seja, aquele que “pica” os bilhetes dos passageiros).

Considerações finais

O calão é de fulcral importância no quadro da formação da angolanidade sociolinguística e cultural deste país. Em Angola, o calão é, igualmente, uma modalidade de unificação entre os falantes, ao nível mais informal da linguagem, mas que concorre para uma unidade dentro de uma certa diversidade dos usos linguísticos. O CA é, também, um dos emblemas de reconhecimento de um falante do PA, uma vez que existem palavras e expressões que identificam de imediato um *mwangolê*.

Em síntese, os dados deste estudo, de acordo com uma análise contrastiva, revelam uma diferença significativa de expressões e dos seus significados entre as palavras traduzidas em CA e PE, excetuando-se duas: “mãe”, apesar da escrita diferir e “kota”. Por conseguinte, através dos dados obtidos, constatámos duas frases com palavras fortes (“puto, essa bunda não é para ti” e “perar”). Segundo os inquiridos, estas são expressões que podem até ser usadas, mas em ambientes de proximidade, devendo, em caso contrário, ser evitadas. Num total de 9 palavras ou expressões selecionadas, incluindo as duas “fortes” já referidas, cinco foram consideradas leves, ou seja, distanciadas de “palavrões”. Portanto, “caga nisso”, “gajo que tchila até às seis horas da matina”, “bumbar é uma merda”, “diamba” e “garina um coche atirada” podem ser usadas normalmente. Por seu turno, duas, pela dimensão e nível de vulnerabilidade, frontalidade e carga semântica que as caracteriza (“catingueiro do caralho” e “rata”), foram consideradas expressões bastante duras, devendo ser evitadas em público e distanciadas do nosso uso diário. Outrossim, é a expressão “diamba” assinalada como o calão que atingiu maior percentagem de desconhecimento de significação por parte dos inquiridos portugueses, pois, em Portugal, é mais frequente os termos “erva” ou “ganza”, tendo correspondido a 21,1% dos inquiridos da

amostra. A expressão assinalada como menos desconhecida foi “estar-se/tar-se a cagar” ou “caga nisso”, sendo desconhecida apenas por 1 inquirido, o que correspondeu a 0,9% da amostra.

Referências

ALMEIDA, J. **Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas**. Braga: Universidade do Minho, 2017.

ALVES, I. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**, São Paulo, v. 28, 1984, p. 119-126.

ANTÓNIO, Q. **Variação léxico-semântica no mundo lusófono: os casos de Angola e Portugal**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2018.

COSTA, T. **Umbundismos no português de Angola: proposta de um dicionário de umbundismos**. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

FARACO, C. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GONÇALVES, M. **O calão no português europeu: tendências e utilizações**. Braga: Universidade de Minho, 2016.

JOÃO, J. **A Importância do calão mwanolé na formação da identidade sociolinguística e cultural dos falantes de Angola**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2022.

MARCOS, A. Empréstimos das línguas bantu no português falado em Angola: kikongo, kimbundu e umbundo. **Njila e Sepé**, v. 1, n. 2, p. 145-161, 2021.

MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda**. Porto: Campo das Letras, 2000.

ONDJAKI. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OSÓRIO, P. (Coord.) et alii. **Da fonologia à lexicografia**. Elementos para uma gramática do português de Angola. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2022.

Ser ou não ser Langa. **Jornal de Angola**, Luanda, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=409305>>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SERROTE, J. **Antroponímia da língua kimbundu em Malange**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2015.

UNDOLO, M. **Caracterização da norma do português em Angola**. Évora: Universidade de Évora, 2014.